

As Histórias de Corte de José (Gn 41) e Daniel (Dn 2) em Contexto Canônico: Um Paradigma Teológico para a Obra de Deus entre as Nações[1]

WENDY L. WIDDER (UFS)

[1] Link original do artigo: https://www.scielo.org.za/pdf/ote/v27n3/18.pdf

RESUMO

Este artigo afirma que o contexto canônico dos relatos de José em Gênesis 41 e Daniel em Daniel 2 cria um paradigma para como o Deus de Israel usa o seu povo entre as nações, onde eles passam a maior parte de sua história. Ele começa considerando a erudição crítica sobre as "histórias de corte" de José e Daniel. Em seguida, avalia cada relato em seu próprio contexto narrativo antes de comparar e contrastar as duas narrativas. Finalmente, explora o contexto canônico dos dois relatos e seu significado teológico na narrativa do Antigo Testamento, bem como as implicações desse significado teológico no Novo Testamento.[2]

Palavras-chave: contexto canônico, José, Daniel, histórias de corte, narrativa, significado teológico

1. INTRODUÇÃO

Os relatos de José diante de Faraó em Gênesis 41 e de Daniel diante de Nabucodonosor em Daniel 2 possuem muitas similaridades em enredo, motivo e até mesmo linguagem. Ambos apresentam reis com sonhos perturbadores provenientes de Deus que revelam o futuro (Gn 41:25; Dn 2:28-29, 45). Ambos os jovens exilados demonstram a superioridade de seu Deus ao superar os especialistas reais. Ambos os cativos negam habilidade superior e atribuem o crédito a Deus por seu conhecimento (Gn 41:16; Dn 2:30). Em ambos os relatos, os observadores acreditam que a habilidade dos homens resulta do "espírito dos deuses santos" neles (Gn 41:38;[3] cf. Dn 2:11; 4:8,18). Finalmente, tanto José quanto Daniel alcançam grande poder político por causa de seu serviço real (Gn 41:39-46; Dn 2:48).

Estudiosos do século XX classificaram essas histórias bíblicas, juntamente com o livro de Ester, a história de Bel e o Dragão, e 1 Esdras 3–4, como "narrativas de corte", observando que elas compartilham um enredo básico e vários motivos com outras histórias do Antigo Oriente Próximo.[4] Tais narrativas recontam as intrigas e aventuras de oficiais reais**.** Em um corpus mais

---

[2] Artigo submetido: 05/03/2014; aceito: 10/09/2014.

[3] רוּחַ אֱלֹהִים (*rûaḥ ʾĕlōhîm*) em Gênesis 41:38.

[4] Collins atribui a Gunkel e Baumgartner o fato de terem sido os primeiros a fazer essa classificação das histórias bíblicas, agrupando-as em um gênero que inclui seções de Heródoto, Ctesias, persas, Xenofonte e as Mil e Uma Noites. Ver John J. Collins, *Daniel* (Hermeneia; Minneapolis: Augsburg, 1993), 39. Wills detalha a história da erudição sobre narrativas de corte. Ver Lawrence M. Wills, *The Jew in the Court of a Foreign King: Ancient Jewish Court Legends* (HDR 26; Minneapolis: Fortress, 1990), 1–31. Listas dos motivos compartilhados entre histórias de corte estão amplamente disponíveis. Ver, por exemplo, John E. Goldingay, *Daniel* (WBC 30; Dallas: Word, 1989), 36–37; Collins, *Daniel*, 42–47. Niditch e Doran caracterizam o gênero de acordo com um padrão específico de quatro motivos que, juntos, criam um tipo ou forma: (1) uma pessoa de status inferior é chamada diante de uma pessoa de status superior para responder a perguntas difíceis ou resolver um problema que requer discernimento especial; (2) a pessoa de status

restrito de histórias dentro desse gênero estão os relatos de cortesãos estrangeiros que suplantam a sabedoria da equipe regular do rei, têm sucesso onde ela falhou e então recebem generosas recompensas por seus esforços. As histórias de José e Daniel se enquadram nessa categoria menor, os relatos de cortesãos reais.[5]

O propósito das histórias de corte provavelmente era multifacetado. Primeiro, como qualquer história bem contada, elas tinham a intenção de entreter. Aqueles mais entretidos pelo sucesso de um cativo estrangeiro teriam sido os que compartilhavam a nacionalidade do herói. Tal história de sucesso provavelmente fomentaria o orgulho étnico de um povo conquistado ao permitir que compartilhassem um "orgulho vicário na figura de um exilado que ascendeu à posição mais elevada no reino".[6] Para os relatos bíblicos em particular, as histórias evidenciam a superioridade do Deus israelita à medida que ele operava por meio do engenho e da sabedoria da juventude israelita. Um terceiro propósito por trás dos relatos de corte pode ter sido encorajar pessoas em adversidade a seguir o virtuoso modelo de personagens como José e Daniel.[7] Lee Humphreys propôs que as histórias ilustravam um "estilo de vida para a Diáspora", oferecendo exemplos de judeus tendo sucesso entre as nações do mundo.[8] Embora nem todo judeu pudesse ter esperado ter sucesso na medida de José, Daniel ou Ester, as vidas desses três "transmitiam uma mensagem de esperança, que declarava que os judeus podiam servir reis estrangeiros e trazer ajuda ou salvação ao seu próprio povo, bem como ajudar estrangeiros".[9] Um quarto propósito para os

---

superior propõe o problema, o qual ninguém é capaz de resolver; (3) a pessoa de status inferior resolve o problema; (4) a pessoa de status inferior é recompensada. Ver Susan Niditch e Robert Doran, "The Success Story of the Wise Courtier: A Formal Approach," *JBL* 96 (1977): 180.

[5] Collins, *Daniel*, 43. Em outro lugar, Richard D. Patterson descreve o gênero dizendo que "tais histórias tratam das façanhas de um exilado piedoso em uma corte estrangeira cuja piedade e sabedoria lhe permitem emergir triunfantemente de vários testes e ascender à proeminência pessoal." Ver Richard D. Patterson, "Holding On to Daniel's Court Tales," *JETS* 36 (1993), 447. Ele ainda descreve as narrativas como geralmente envolvendo "um teste específico envolvendo fé, moralidade ou compromisso com padrões pactuais" (447), mas a descrição de Patterson vai além da da erudição crítica, a qual não inclui o critério de que o exilado seja piedoso ou devoto. Além disso, pode-se contestar se seu critério sequer se aplica a todos os chamados relatos de corte do Antigo Testamento. Por exemplo, a aparição de José diante de Faraó não parece ser um teste da fé, moralidade ou padrões pactuais do hebreu; tampouco todos concordam que Ester se qualificava como uma exilada piedosa e devota em seu cativeiro.

[6] Collins, *Daniel*, 44. Lucas observa que a base de tal encorajamento nos relatos de corte de Daniel "não é a crença em algum tipo de superioridade étnica inerente, mas a confiança no Deus Altíssimo, que governa de modo supremo até mesmo os governantes humanos e seus assuntos." Ver Ernest C. Lucas, *Daniel* (ApOTC 20; Downers Grove: InterVarsity Press, 2002), 27.

[7] Sharon Pace afirma que as histórias "fornecem um senso de orgulho aos impotentes e encorajamento aos atribulados para seguir mandamentos e costumes." Ver Sharon Pace, *Daniel* (SHBC 17; Macon: Smyth & Helwys, 2008), 2.

[8] W. Lee Humphreys, "Life-Style for Diaspora: A Study of the Tales of Esther and Daniel," *JBL* 92 (1973): 211–23. Cf. também Pace, *Daniel*, 2, que afirma que as histórias fornecem "um modelo de maneiras de lidar com o exílio, quando a vida diária é altamente imprevisível."

[9] Robert Gnuse, "From Prison to Prestige: The Hero Who Helps a King in Jewish and Greek Literature," *CBQ* 72 (2010): 31.

relatos bíblicos no período do Segundo Templo poderia ter sido afirmar que reis estrangeiros ainda estavam sob o governo de Deus: "Os judeus seriam levados a confessar que o seu Deus ainda estava no controle do mundo, mesmo que tiranos exercessem domínio".[10]

Os relatos de José e Daniel podem muito bem ter feito parte de um gênero de "narrativa de corte", e eles também podem ter servido a qualquer um ou a todos os propósitos detalhados acima. Contudo, sua inclusão no texto sagrado exige que os compreendamos em seus contextos bíblicos, e não simplesmente como relatos isolados em um vácuo literário. O que cada um deles contribui para os seus arredores textuais? Por que duas histórias tão semelhantes são incluídas na BH – uma não teria sido suficiente? Além disso, por que o segundo relato, o de Daniel diante de Nabucodonosor, é modelado de maneira tão evidente a partir do primeiro?[11] Como esses dois relatos contribuem para a representação que Israel faz do seu Deus? Para responder a essas questões, primeiro considerarei as narrativas de Gênesis 41 e Daniel 2 em seus respectivos contextos. Em seguida, avaliarei a relação entre elas e o papel que desempenham no contexto mais amplo da BH, a fim de demonstrar, primeiro, que o relato de Daniel pretende retratar um Deus maior do que o relato de José e, segundo, que os relatos, juntos, criam um paradigma para a obra de Deus entre as nações, onde o seu povo passa a maior parte de sua história.

2. OS RELATOS EM CONTEXTO

2.1. José diante de Faraó (Gênesis 41)

2.1.1. A história

Em Gênesis 41, Faraó tem um par de sonhos, os quais o narrador inicialmente relata para o leitor (41:2-7). No primeiro, o rei egípcio estava de pé junto ao rio Nilo quando sete vacas belas e gordas (פָּרוֹת יְפֹת מַרְאֶה וּבְרִיאוֹת בָּשָׂר *pārôt yĕfōt mar'eh û-berî'ôt bāśār*) saíram dele e pastaram entre os juncos (41:2). Sete outras vacas saíram do rio atrás delas, mas eram feias e magras (רָעוֹת מַרְאֶה וְדַקּוֹת בָּשָׂר *rā'ôt mar'eh wĕ-daqqôt bāśār*) e famintas o suficiente para comer um cavalo. Ou sete vacas gordas (41:4–5). No segundo sonho, sete espigas de cereal subiram boas e cheias (בְּרִיאוֹת וְטֹבוֹת *berî'ôt wĕ-ṭōvôt*) em um mesmo colmo (41:5). Elas foram seguidas por sete espigas de cereal que eram finas e "queimadas pelo vento oriental" (41:6; cf. KJV, JPS, קְדוּמוֹת *qĕdûmôt*). As sete espigas

[10] Gnuse, "From Prison to Prestige", 41.

[11] As similaridades entre as histórias são tão extensas que esticam a imaginação pensar que o autor de Daniel não conhecia e não imitou conscientemente a história de José diante de Faraó. Para discussões sobre o que os relatos têm em comum, ver, por exemplo, G. G. Labonté, "Genèse 41 et Daniel 2: question d'origine," em *The Book of Daniel in the Light of New Findings* (ed. por Adam S. van der Woude; BETL 106; Leuven: Leuven University Press, 1993), 271–84; Robert Gnuse, "The Jewish Dream Interpreter in a Foreign Court: The Recurring Use of a Theme in Jewish Literature," *JSP* 17 (1990): 40–41; e Matthew S. Rindge, "Jewish Identity under Foreign Rule: Daniel 2 as a Reconfiguration of Genesis 41," *JBL* 129 (2010): 88–89.

finas devoraram as sete espigas gordas e cheias (הַבְּרִיאוֹת וְהַמְּלֵאוֹת *habberî'ôt wĕ-hammĕlē'ôt*; 41:7) antes de Faraó despertar. Pela manhã, "quando o seu "espírito estava perturbado" (וַתִּפָּעֶם רוּחוֹ *wa-ttippā'em rûḥô*), Faraó convocou seus especialistas – os magos e os sábios do Egito – mas eles se mostraram incapazes de ajudá-lo (41:8). Foi então que o chefe dos copeiros se lembrou do que conseguira esquecer por dois anos completos – a saber, como um humilde servo hebreu o havia ajudado ao interpretar o seu próprio sonho perturbador (Gn 40). José foi apressadamente (וַיְרִיצֻהוּ *wayrîṣûhû*; 41:14) levado ao rei, que disse ao prisioneiro de cabeça raspada que tinha ouvido falar de sua capacidade de interpretar sonhos. Negando tal capacidade, José, ainda assim, assegurou a Faraó que Deus responderia à ansiedade do rei (41:16).

Faraó então relatou o seu sonho,[12] com leve variação em relação à versão do narrador.[13] Ao concluir o relato do sonho do rei, José confirmou que as vacas e o cereal eram o mesmo sonho e disse ao rei que Deus lhe havia dado a conhecer o que estava prestes a fazer (41:25). Em seguida, José repetiu o sonho, interpretando cada elemento por sua vez. Ao concluir sua interpretação, José forneceu ao rei alguns conselhos não solicitados acerca da nomeação de um homem sábio e discernente para supervisionar a administração das colheitas durante a fartura e a fome que viriam, efetivamente escrevendo a sua própria descrição de cargo. Faraó exaltou a sabedoria e o discernimento de José, atribuindo sua capacidade ao "Espírito de Deus" nele. O rei egípcio promoveu o prisioneiro ao palácio, colocou-o encarregado de sua casa e da terra do Egito, entregou-lhe o seu anel-sinete, vestiu-o com roupas finas, colocou um colar de ouro ao redor de seu pescoço e fez com que ele cavalgasse no "segundo carro" enquanto os egípcios se prostravam diante dele. Em seguida, mudou o seu nome para que melhor conviesse a um senhor egípcio e deu-lhe a filha de um sacerdote por esposa (41:45).

O narrador então relata o cumprimento do sonho de Faraó, primeiro descrevendo os anos de abundância – tanto na terra quanto na casa de José, onde nasceram dois filhos – e depois descrevendo os anos de fome.

2.1.2. O Contexto de Gênesis 41.

O relato de José diante de Faraó realiza pelo menos duas coisas em seu contexto imediato. Primeiro e mais obviamente, ele demonstra ao leitor a soberania do Deus de José, que desestabiliza o mundo de um poderoso monarca do Antigo Oriente Próximo e subverte o seu reino com forças muito além do controle do mais fino Egito. Tanto o sonho desconcertante quanto o seu cumprimento preciso demonstram a soberania de Deus. Os especialistas egípcios não compreendem a mensagem desse Deus, muito menos têm qualquer poder para frustrá-lo. Contudo, não há indicação de que nem Faraó nem seus especialistas tenham reconhecido a

[12] Faraó refere-se aos dois sonhos como se fossem um só (Gn 41:15, 17).

[13] Meir Sternberg detalha as diferenças entre os relatos dos sonhos e sugere o seu significado. Ver sua análise de Gênesis 41 em Meir Sternberg, *The Poetics of Biblical Narrative: Ideological Literature and the Drama of Reading* (Bloomington: Indiana University Press, 1985), 394–402.

superioridade soberana do Deus de José. Em vez disso, o louvor recai sobre José, apesar de sua recusa em assumir o crédito por habilidades interpretativas (41:15–16).

Um segundo propósito do capítulo é estabelecer José como o homem de Deus na corte de Faraó. Sternberg detalha como a narrativa comunica sutilmente isso por meio de sua série de relatos de sonhos. O leitor primeiro conhece os sonhos por meio do narrador, que apresenta as versões autoritativas. Em seguida, o narrador diz que Faraó relatou o "sonho" – singular – aos seus especialistas, que foram incapazes de interpretá-los – plural (41:8). Sternberg sugere que por trás desse "choque gramatical [...] pode esconder-se um choque de perspectivas", a saber, que Faraó pensava que o par de sonhos constituía um único sonho, enquanto seus conselheiros os consideravam sonhos separados.[14] Faraó então relata o sonho em detalhe a José, e as diferenças entre o seu relato e o do narrador confirmam que ele fundiu os dois sonhos em um único sonho. Quando José repete o sonho, ele corrige a interpretação equivocada de Faraó e "restaura na interpretação aquilo que o próprio sonhador perturbou na narração".[15] Sternberg resume:

> Do ponto de vista funcional, essa cadeia de repetição desenvolve um jogo múltiplo e mutável de perspectivas: entre a do narrador onisciente, a do leitor, a de Faraó, a dos magos, a de José e, de modo mais encoberto, mas também mais dominante, a de Deus. No que diz respeito às exigências do enredo nu e cru – a necessidade de conceber uma sequência causal que revertesse a sorte de José da prisão ao Grão-Vizirado –, alguns dos elementos poderiam ser omitidos ou ao menos amplamente reduzidos (e tais elipses trariam alívio a leitores entediados). Mas aquilo que um enredo naturalista poderia permitir, se não exigir, prejudicaria o enredo ideológico que fundamenta a marcha visível dos acontecimentos e molda o tema e a retórica do relato. É a intenção de estabelecer a estatura de José como eleito de Deus em vez de Faraó, o que explica a variedade de pontos de vista implícitos, a natureza de suas discrepâncias e a ordem de seu surgimento.[16]

2.1.3. O Contexto da História de José.

Para além do contexto imediato de Gênesis 41, a impressionante aparição de José diante de Faraó desempenha um papel importante na narrativa maior de José. Mais notavelmente, ela coloca José em posição para o cumprimento de seus próprios sonhos. Na primeira cena da história de José, o filho favorecido de Jacó tem um par de sonhos perturbadores que ele relata a seus irmãos e a seu pai: no primeiro, os seus feixes se curvam diante do dele; e, no segundo, o sol, a lua e onze estrelas se curvam diante dele (Gn 37:5–10). A partir desse ponto da narrativa, José conheceu pouco além de dificuldades. Primeiro, depois de quase matá-lo, seus irmãos decidiram vendê-lo como escravo. Em seguida, já no Egito, José teve dois falsos começos em sua ascensão à fama. Após uma promoção

[14] Sternberg, *Poetics*, 398.
[15] Sternberg, *Poetics*, 400.
[16] Sternberg, *Poetics*, 401.

promissora que o tornou o segundo em comando na casa de Potifar, José, falsamente acusado e incriminado, acabou na prisão. Enquanto estava ali, desfrutou do favor do carcereiro-chefe, que o fez segundo em comando sobre os prisioneiros. A interpretação de José dos sonhos do copeiro do rei e do chefe dos padeiros lhe deu esperança de libertação, mas a má memória do copeiro o deixou esquecido na prisão por mais dois anos.

Após esse par de ascensões e descidas para o escravo hebreu no Egito, Gênesis 41 apresenta a terceira cena naquilo que Wenham chama de o "grande tríptico".[17] José finalmente sobe do poço e da prisão pela última vez com sua interpretação dos sonhos de Faraó, o que coloca em movimento o cumprimento de seus próprios sonhos de anos anteriores. Como segundo em comando sobre o Egito, José está em posição para receber a reverência de seus irmãos. Ele também está preparado para conduzir o Egito através dos anos subsequentes de abundância e escassez. Mais importante ainda, Deus colocou um homem no lugar para preservar o seu próprio povo, o povo de Israel.[18]

2.1.4. O Contexto de Gênesis e do Pentateuco.

A narrativa de José é tanto o clímax quanto a conclusão do livro de Gênesis, e também a transição para o livro do Êxodo e o restante do Pentateuco. Um relato magistralmente contado que ocupa quase um terço do livro, a narrativa de José desenvolve ainda mais os três elementos da promessa de Deus a Abraão: terra, descendência e uma relação de bênção. Especificamente, o relato de José diante de Faraó relaciona-se diretamente com um elemento da promessa abraâmica e tem claras repercussões para os outros dois. Primeiro, Deus havia prometido a Abraão que ele seria uma bênção e que nele todas as famílias da terra seriam abençoadas (Gn 12:2–3). A revelação de Deus a José acerca do significado do sonho de Faraó e o conselho subsequente de José fizeram dele uma bênção. O bisneto de Abraão, o homem sábio e discernente designado para administrar a sobrevivência do Egito durante a fome, abençoou o povo do Egito e além. Segundo, com respeito à promessa abraâmica de descendência e terra, a ascensão de José ao poder em Gênesis 41 preparou o cenário para que ele salvasse os descendentes de Abraão – mas, para fazê-lo, eles tiveram de deixar a terra que Deus havia prometido. Por meio de José, Deus preparou um refúgio para que os israelitas atravessassem a fome, mas Gênesis 47:27 relata que eles fizeram mais do que simplesmente sobreviver. Enquanto o Egito e as terras ao redor definhavam (Gn 47:11–26), os filhos de Israel adquiriram terra e "foram fecundos e se multiplicaram grandemente" (Gn 47:27). A descendência de Abraão, em perigo ao longo da maior parte da narrativa patriarcal, parece estar em situação

[17] Gordon J. Wenham, *Genesis 16–50* (WBC 2; Waco: Word Books, 1994), 389.

[18] José não é o único personagem na narrativa maior (Gn 37–50) que Deus usa para preservar o seu povo. Ele estabelece a preservação salvífica de longo prazo de Israel por meio do irmão que divide o destaque com José – Judá, aquele de quem viria o Messias. Os duplos papéis redentores de José e Judá são importantes em seu próprio direito, mas este artigo se concentra exclusivamente em José, uma vez que as conexões textuais entre Daniel e Gênesis dizem respeito especificamente às interações do povo de Deus com reis gentios – um papel que Judá não desempenha.

estável pela primeira vez ao final de Gênesis, mas os descendentes de Abraão estão vivendo fora da terra da promessa.

2.1.5. Resumo de Gênesis 41 em Contexto

O relato de José diante de Faraó o estabelece como o homem de Deus para aquele tempo na história de Israel. A narrativa demonstra de modo sutil a superioridade do Deus de José sobre os poderes do Egito, e também exibe a sabedoria superior de José sobre a "competição" egípcia. Nenhuma razão é dada no contexto imediato de Gênesis 41 para a revelação de Deus ao rei, exceto pela declaração geral de José de que Deus havia dado a conhecer a Faraó o que estava prestes a fazer (Gn 41:25). É somente o contexto mais amplo da história de José, de Gênesis e de Êxodo que mostra os sonhos de Faraó como parte de uma série complexa de eventos que tanto preservaram o povo de Deus quanto os prepararam para a servidão em uma terra estrangeira.

2.2. Daniel diante de Nabucodonosor (Dn 2)

2.2.1. A História

Em Daniel 2, Nabucodonosor foi perturbado por sonhos (וַתִּפָּעֶם רוּחוֹ *wa-ttippāʿem rûḥô*), de modo que convocou seus especialistas (2:1–2). Ele exigiu que lhe dissessem os seus sonhos bem como a interpretação (2:2–5) e ameaçou esquartejá-los se falhassem (2:6). Quando acusou seus sábios de conspiração, eles protestaram que somente os deuses poderiam contar ao rei um sonho e que os deuses não habitam entre os homens. O rei rejeitou o protesto deles e ordenou a execução de todos os sábios da Babilônia. Esse decreto incluía Daniel e seus companheiros judeus, que estavam ausentes da formação original de especialistas.[19] Daniel solicitou tempo ao rei, e quando ele e seus amigos buscaram a misericórdia de Deus, Deus revelou o sonho e a sua interpretação a Daniel (2:16-19). Daniel louvou a Deus por sua sabedoria soberana e poder (2:20-23) e então foi levado às pressas (בְּהִתְחַפָּזָה *behithḥappāzāh*) a Nabucodonosor. O rei perguntou a Daniel se ele poderia lhe contar o sonho e a sua interpretação, e Daniel confirmou o que os sábios haviam dito anteriormente: nenhuma pessoa poderia fazê-lo, mas Deus revela segredos (2:27). Em seguida, informou ao rei – duas vezes – que Deus havia dado a conhecer ao rei o que aconteceria no futuro (2:28–29). Daniel enfatizou novamente que só conhecia o sonho e o seu significado porque Deus lho havia contado – não porque tivesse sabedoria especial (2:30). Então Daniel finalmente relatou o sonho da estátua magnífica. Quando concluiu a interpretação, o rei prostrou-se diante dele e declarou grande o Deus de Daniel por revelar o segredo a Daniel: "Certamente o vosso Deus – ele é

[19] A ausência de Daniel e de seus amigos tem suscitado muita especulação. Visto que o texto não nos diz por que os homens estavam ausentes, isso não é importante para os propósitos da narrativa. Lucas observa: "Em termos 'históricos' ... pode haver todo tipo de boas razões pelas quais Daniel e seus amigos não aparecem com os outros sábios nos vv. 1–12. Em termos literários, a sua ausência é crucial. Ela serve para preparar todo o conflito que está no centro da história." Ver Lucas, *Daniel*, 71–72.

o Deus dos deuses e aquele que governa os reis e aquele que revela mistérios" (2:46–47). Nabucodonosor cumulou Daniel de presentes e o promoveu "sobre todas as províncias da Babilônia" e o fez chefe de todos os sábios da Babilônia (2:48).

Dois capítulos depois, Nabucodonosor teve um segundo sonho perturbador – o seu sonho da árvore florescente em Daniel 4.[20] Os dois relatos são semelhantes em seus traços gerais: em cada um, o rei tem um sonho perturbador que confunde seus especialistas, mas é conhecido por Daniel, que explica a ruína que cada sonho prediz. Contudo, excluí o relato de Daniel diante de Nabucodonosor em Daniel 4 da comparação com Gênesis 41 porque suas conexões diretas são poucas e podem ser melhor explicadas em termos de sua relação com Daniel 2, que está diretamente relacionado a Gênesis 41.

Em Daniel 4:20-22 [MT 4:17-19], o narrador liga explicitamente o segundo sonho ao primeiro ao ecoar sua linguagem e seus temas. Na primeira interpretação, Daniel havia dito ao rei que ele era a cabeça de ouro – o rei dos reis a quem Deus havia dado domínio, poder, força e glória para governar sobre toda a humanidade e sobre os animais do campo e as aves do céu (2:37-38). Na segunda interpretação, Daniel descreve a árvore do sonho do rei, dizendo que ela dava abrigo aos animais do campo e provia lugares de nidificação em seus ramos para as aves do céu.[21] Em seguida, anunciou ao rei que ele era a árvore; ele se tornara grande e forte e tinha um domínio que alcançava até os confins da terra. O ponto parece ser que, em Daniel 4, o jovem rei de Daniel 2 (v.1) havia se tornado a cabeça de ouro. Ele havia construído a Grande Babilônia (4:30 [4:27]) e estava "tranquilo em [sua] casa e prosperando em [seu] palácio" (4:4 [4:1]). Mas Nabucodonosor havia falhado em reconhecer a relação do seu reino e do seu poder com o Deus do céu. O juízo do capítulo 4 é uma lição corretiva para um rei que não aprendeu da primeira vez que o seu reino era temporário e que o seu poder era relativo e concedido por um rei maior.

---

[20] O relato do sonho do rei ocorre em uma declaração que ele faz ao seu império acerca do que o Deus Altíssimo havia feito por ele (4:1-3, 37 [MT 3:31-33; 4:34]). Quando estava no auge de sua carreira, ele sonhou um sonho aterrador e convocou seus sábios, que, previsivelmente, não conseguiram interpretá-lo. Nabucodonosor observa que Daniel então veio diante dele e explica por que Daniel seria capaz de interpretar o sonho: "o espírito dos deuses santos está nele" (4:8-9, 18 [4:5-6, 15]). O rei contou ao seu mago-chefe o sonho de uma árvore florescente abruptamente cortada até o chão, cujo toco se transformava em uma besta no campo (4:14-16 [4:11-13]). Quando Daniel ouviu o sonho, imediatamente soube que ele prenunciava a ruína do rei e desejou que recaísse sobre os inimigos do rei em vez disso (4:19 [4:16]). Ele o interpretou para Nabucodonosor e então ofereceu alguns conselhos não solicitados para que ele renunciasse aos seus pecados e mudasse seus caminhos, a fim de que o sonho talvez não se cumprisse (4:20-27 [4:17-24]). Mas doze meses depois, uma explosão de orgulho do rei colocou o cumprimento do sonho em movimento (4:28–32 [4:25–29]). Expulso da civilização, o poderoso monarca babilônico comeu erva com os animais até reconhecer a soberania de Deus (4:33-35 [4:30-32]).

[21] Em seu contexto mais imediato, as palavras de Daniel evocam o relato do sonho de Nabucodonosor (4:10–12 [4:7–9]), que, evidentemente, também retoma a linguagem de Daniel 2.

2.2.2. O Contexto de Daniel 2

O relato de Daniel diante de Nabucodonosor em Daniel 2 realiza várias coisas em seu contexto imediato. Primeiro, ele estabelece a superioridade de Daniel (e de seu Deus) sobre seus colegas babilônios. Quando eles não conseguiram atender à exigência do rei, ele conseguiu. Eles protestaram que ninguém poderia fazer o que o rei pedia (uma alegação que Daniel confirma; 2:27); somente os deuses poderiam, mas eles não habitavam entre os homens. Essa última parte do protesto deles é intrigante, visto que os babilônios acreditavam que os deuses de fato viviam entre as pessoas em templos construídos exatamente para esse propósito. Certamente os sábios de Nabucodonosor sabiam disso. Talvez quisessem dizer que os deuses não estavam disponíveis para ajudar com a exigência do rei, ou talvez, em seu pânico, não estivessem pensando ou falando com clareza.[22] Mas o protesto deles prepara o caminho para que Daniel supere os especialistas babilônios ao demonstrar acesso a um Deus que poderia revelar o sonho e a sua interpretação.

Outro propósito de Daniel 2 é estabelecer Deus como a verdadeira fonte de sabedoria e o soberano sobre toda a história humana. Os primeiros trinta versículos concentram-se na fonte da sabedoria. Primeiro, a ineptidão dos sábios babilônios ocupa o centro do palco; eles não conseguem acessar o conhecimento que o rei exige (2:1–12). Em seguida, o narrador detalha o dilema de Daniel e a resposta de Deus, a saber, compartilhando sabedoria com Daniel (2:13–23). Depois, quando Daniel finalmente chegou diante do rei para interpretar o sonho, não deixou espaço para mal-entendidos quanto à fonte do sonho e da sua interpretação (2:24–30). Tais mistérios pertencem exclusivamente ao Deus que está no céu (2:28). O sonho da estátua e a sua interpretação conclui que Deus é soberano sobre os impérios humanos e o único rei eterno cujo domínio perdurará para sempre.

2.2.3. O Contexto de Daniel

O sucesso de Daniel no capítulo 2 confirma o que o narrador havia relatado em Daniel 1:19-20, a saber, que ele era "dez vezes melhor" do que o restante dos especialistas do rei em toda matéria de sabedoria e entendimento. Embora a demonstração mais óbvia disso pareça ser a revelação e a interpretação do sonho por Daniel, o próprio Daniel refuta isso (2:26-28, 30). A sabedoria e o entendimento não eram dele, mas lhe haviam sido dados por Deus em resposta à sua oração (2:17-23, 30). Antes, a superioridade de Daniel é visível no v. 14, onde o narrador relata que Daniel falou ao executor com "prudência e discrição" (ESV, NRSV; נְעָם וְטַעַם *neʿām wĕ-ṭaʿam*) acerca do decreto do rei, de tal modo que Arioque parou, conversou com ele e então permitiu que Daniel – sob uma sentença de morte – fosse apresentar uma petição ao rei pela própria coisa que aos outros sábios fora negada (2:7-9). E Daniel a recebeu (2:15-16). Por trás dessa série de eventos

[22] Collins, *Daniel*, 157, considera o "fracasso" dos sábios em "recorrer aos deuses em busca de ajuda, seja por oração ou por ritual" como "planejado para acentuar o contraste com Daniel".

há um negociador cuidadoso, um homem de habilidade superior. Daniel e seus amigos foram poupados e, por fim, o rei obteve o que desejava por causa da prudência e da discrição de Daniel.

Daniel 2 também faz parte de um contexto maior, o bloco de seis capítulos de texto aramaico no livro de Daniel (Dn 2–7). Sem realizar uma exposição completa desses capítulos e de sua importância para o livro como um todo, assumo, com a maioria dos estudiosos, que o arranjo desses seis capítulos é significativo. A relação entre capítulos correspondentes é amplamente reconhecida:

- *Capítulo 2* – sonho da estátua/quatro impérios;
- *Capítulo 3* – judeus enfrentam conflito religioso/fornalha ardente;
- *Capítulo 4* – sonho da árvore/húbris real;
- *Capítulo 5* – escrita na parede/húbris real
- *Capítulo 6* – judeu enfrenta conflito religioso/cova dos leões
- *Capítulo 7* – visão das feras/quatro impérios

Para os propósitos aqui, o sonho da estátua de Nabucodonosor no capítulo 2 está relacionado à visão de Daniel das quatro feras no capítulo 7. Ademais, todo o quiasmo aramaico é parte integrante da estrutura do livro e até mesmo de seu significado.[23] Não fosse o quiasmo, alguém poderia fácil e convincentemente dividir o livro entre a narrativa dos caps. 1–6 e o apocalíptico/profecia dos caps. 7–12. Contudo, o capítulo 7 confunde uma divisão tão ordenada. Ele está ligado em linguagem e estrutura ao que o precede, mas está ligado em tema, conteúdo e gênero ao que se segue.

As extremidades do quiasmo – capítulo 2 e 7 — oferecem uma visão em grande angular da história mundial e do controle de Deus sobre ela, um tema ao qual o livro retorna repetidamente em seus relatos narrativos de reis humanos vulneráveis e em suas visões de caos apocalíptico. Deus é revelado como a fonte da verdadeira sabedoria e poder, e o seu reino conquistará todos os reinos humanos, encherá toda a terra em vez de apenas parte dela e, sozinho, perdurará para sempre. No cap. 2, Deus se revela a um rei gentio como soberano sobre todos os poderes do mundo, e no cap. 7 ele faz o mesmo ao devoto Daniel. Curiosamente, nenhum dos destinatários dessa revelação a compreende sem auxílio divino: Nabucodonosor, por meio do intermediário Daniel, que recebeu de Deus o sonho e a interpretação; e Daniel, por meio do intermediário de um ser angelical.

2.2.4. Resumo de Daniel 2 em Contexto

Na aparição de Daniel diante de Nabucodonosor, Deus estabelece o seu servo Daniel como superior ao círculo babilônico de especialistas e revela a si mesmo como a verdadeira fonte de sabedoria e o único soberano sobre a história humana. Somente Deus possui sabedoria e poder, e

[23] Reconhecidamente, nem todos consideram o quiasmo aramaico significativo para a compreensão do livro inteiro. Isso reflete a minha opinião, embora não seja algo que eu tenha espaço para desenvolver neste artigo.

ambos lhe pertencem para dar e tirar. A magnífica doxologia de Daniel em Daniel 2:20-23 capta a mensagem que abrange todo o livro:

> Daniel respondeu e disse: "Bendito seja o nome de Deus, de eternidade a eternidade, a quem pertencem a sabedoria e o poder. Ele muda os tempos e as estações. Ele depõe reis e estabelece reis. Ele dá sabedoria aos sábios e conhecimento aos que conhecem o entendimento. Ele revela as coisas profundas e as coisas ocultas. Ele conhece o que está nas trevas, e com ele habita a luz. A ti, ó Deus de meus pais, eu louvo e exalto, porque me deste sabedoria e poder. Agora fizeste conhecer a mim o que te pedimos — porque nos fizeste conhecer o assunto do rei".

Essa mensagem começou em Daniel 1:2, quando Deus entregou Jeoaquim nas mãos de Nabucodonosor, permitindo que a sua cidade santa fosse destruída, o seu templo fosse incendiado e o seu povo levado ao cativeiro. Ao longo do livro, Deus levanta reis e os derruba. Ele confunde os "sábios" e concede sabedoria e discernimento aos seus servos fiéis. Ele compartilha a sua sabedoria, poder, domínio e até glória com os seres humanos, mas somente ele governa um reino que destruirá todos os reinos humanos, encherá a terra e perdurará para sempre.

3. CONTEXTO CANÔNICO

Como detalhado acima, os relatos de José diante de Faraó em Gênesis 41 e de Daniel diante de Nabucodonosor em Daniel 2 possuem significado em seu contexto imediato, bem como em seus contextos mais amplos (isto é, a narrativa de José e o livro de Gênesis; o quiasmo aramaico e o livro de Daniel). Mas as semelhanças entre os relatos e o claro encadeamento de um após o outro exigem que nós também perguntarmos sobre a relação que eles têm entre si e o papel que desempenham no cânon do AT, à medida que este reflete a história do povo de Deus.[24] Com base no trabalho de Matthew Rindge, que propõe que o relato de Daniel diante de Nabucodonosor pretende retratar Daniel como um José maior, sugiro que isso também significa retratar um Deus maior. Além disso, os dois relatos juntos criam um paradigma para a compreensão da obra de Deus entre as nações.

---

[24] Collins, *Daniel*, 39, afirma que "as correspondências verbais tornam altamente provável que o autor de Daniel conhecia e foi influenciado pela história de José." Contudo, ele não diz que significado essa influência poderia ter, e rejeita fortemente a ideia popular de que as histórias de Daniel são um midraxe sobre a narrativa de José: "Em nenhum caso Daniel é uma interpretação ou uma recontagem da história de José." Ver Collins, *Daniel*, 40. Labonté, "Genèse 41 et Daniel 2," 271–84, representa uma posição minoritária, argumentando contra qualquer dependência de um texto em relação ao outro e propondo que as semelhanças entre as duas histórias se devem ao fato de ambas terem surgido do período pós-exílico — antes que a literatura apocalíptica estivesse firmemente estabelecida, quando a profecia era rara, e quando a literatura com sonhos seria um meio ideal para comunicar a vontade de Deus aos gentios, bem como aos judeus.

3.1. Um José Maior

Matthew Rindge lista dezoito semelhanças específicas entre as estruturas de enredo de Gênesis 41 e Daniel 2,[25] observando que "as numerosas semelhanças específicas (lexicais e temáticas) entre essas duas narrativas sugerem que Daniel 2 é uma reelaboração consciente de Gênesis 41".[26] Rindge restringe sua análise a Daniel 2 e Gênesis 41,[27] mas, arguivelmente, o autor de Daniel evoca o relato de José já em Daniel 1, talvez para prenunciar o que está por vir em Daniel 2. Tematicamente, ambos os personagens são exilados hebreus servindo em uma corte estrangeira, ambos são belos (Gn 39:6; Dn 1:4), ambos demonstram sabedoria impressionante (Gn 41:39; Dn 1:4, 20), ambos são abençoados em suas tarefas (Gn 39:2–6; Dn 1:17–20).[28] Se esses temas mais amplos não despertarem no leitor o reconhecimento de uma possível conexão, então alguém poderia pensar que a descrição de Daniel e de seus amigos após o seu teste alimentar (Dn 1:15), depois de dez dias de legumes e água, quando os quatro hebreus são ditos estar בְּרִיאֵי בָשָׂר (*berî'ê bāśār*), "gordos de carne", é uma expressão usada em outro lugar apenas em Gênesis 41 para descrever as vacas gordas do sonho de Faraó.[29]

Há também diferenças entre a representação dos personagens nos relatos, e Rindge argumenta que é aí que reside a maior significância. Ele sustenta que as diferenças "são consistentes em natureza, refletindo a existência de três padrões distintos", a saber, interpretação de sonhos, piedade, e a natureza do relacionamento de José e Daniel com seus respectivos reis estrangeiros. Em cada área, Rindge mostra que Daniel é apresentado como superior a José,[30] sugerindo que o relato de Daniel diante de Nabucodonosor em Daniel 2 reconfigura o relato de José diante do Faraó em Gênesis 41 a fim de mostrar Daniel como um José "novo e melhorado".[31] Rindge sustenta que esse José superior fornece um modelo ideal de como os judeus devem relacionar-se e funcionar dentro de um império estrangeiro – isto é, o que Rindge chama de "resistência moderada".[32]

---

[25] Rindge, "Jewish Identity," 88–89.

[26] Rindge, "Jewish Identity," 90.

[27] Trata-se de uma escolha metodológica de Rindge, que discute os estudos de Gnuse ("Jewish Dream Interpreter") e Labonté ("Jewish Identity"), nos quais cada um faz comparações para além de Daniel 2. Rindge sustenta que isso "achata as maneiras distintas pelas quais José e Daniel são caracterizados" (no caso de Gnuse) e silencia a "perspectiva distinta de cada narrativa" (no caso de Labonté) ("Jewish Identity," 87).

[28] Gnuse, "Jewish Dream Interpreter," 40.

[29] É tentador pensar que possa haver um significado metafórico nessa escolha de palavras para descrever Daniel e seus amigos. As vacas gordas nos sonhos de Faraó repre-

[30] Rindge, "Jewish Identity," 90–98.

[31] Rindge, "Jewish Identity," 98. Ver também Goldingay, *Daniel*, 43, que compara os personagens e eventos de Gn 41 e Dn 2 ao dizer: "[Dn 2] é como Gn 41, apenas mais ainda" e então sugere "que José poderia ser visto como um tipo de Daniel".

[32] "Eu digo 'resistência' porque ele escolhe manter suas próprias tradições alimentares. Digo 'moderada' porque, apesar de sua rejeição da dieta real, Daniel, ainda assim, permanece envolvido na corte babilônica. Ele ainda se submete ao treinamento dos 'caldeus' em língua, literatura e educação. Assim, Daniel oferece uma *via media* entre os extremos testemunhados em 1 Macabeus e Gn 41. Ele não abraça nem o modelo de

3.2. Um Deus Maior

Os relatos dos dois cativos diante de reis estrangeiros fazem mais do que apresentar uma mensagem sobre um ou ambos os jovens hebreus. Como parte da representação do Deus de Israel, eles também instruem o leitor quanto à pessoa, caráter e atividade desse Deus. Os relatos são semelhantes em seu amplo tema teológico – a saber, a soberania de Deus. Contudo, uma comparação do que Deus revelou ao par de reis gentios e por que o revelou sugere que o relato de Daniel diante de Nabucodonosor não apenas mostra um José maior, ele mostra um Deus maior.[33]

O que Deus revelou ao Faraó em Gn 41 foi, essencialmente, uma previsão meteorológica regional de quatorze anos e o seu controle sobre ela. Por sete anos, as chuvas seriam abundantes ao longo do Nilo e os campos transbordariam com colheitas. Depois, por sete anos, o Nilo, rio da vida, não proveria. A fome tomaria conta e quase estrangularia a terra. Em contraste, o que Deus revelou a Nabucodonosor em Daniel 2 foi, essencialmente, toda a história humana e sua soberania sobre ela. Os esplêndidos e não tão esplêndidos reinos humanos desmoronam diante do único reino eterno que encheu toda a terra – não apenas os territórios dela. No primeiro sonho, Deus tornou conhecida a sua soberania sobre padrões climáticos regionais e a correspondente fertilidade da terra. No segundo, ele revelou a sua soberania sobre todos os reinos e poderes para sempre.

Por que Deus revelou os sonhos aos reis gentios é menos claro nos textos. Em Gênesis 41, José simplesmente diz ao Faraó que Deus declarou ao Faraó o que ele está fazendo (41:25), e em Daniel 2, Daniel diz a Nabucodonosor que Deus deu a conhecer ao rei o que acontecerá (2:29). Essas respostas nos dizem o conteúdo geral dos sonhos (isto é, eventos futuros), mas nenhuma delas nos diz por que Deus enviou os sonhos. Temos de recorrer ao contexto mais amplo para isso. No caso do Faraó, o sonho enigmático traz José à mente do copeiro, que relata ao rei a sua habilidade. A interpretação do sonho por José leva à sua nomeação sobre o Egito, o que finalmente resultou nos filhos de Israel mudando-se para lá para sobreviver à fome. Em termos da história de Israel, poderíamos dizer que Deus enviou o sonho ao Faraó para que os israelitas sobrevivessem. No processo, ele também abençoou o Egito, preservando-o por meio da sabedoria de José. No caso de Nabucodonosor, o propósito do sonho para o rei especificamente não entra em foco até Daniel 4, quando ele tem o seu segundo sonho, que argumentei acima ser uma lição corretiva para um rei que não aprendeu na primeira vez que o seu reino era temporário e o seu poder era relativo e concedido por um rei maior. Mas o propósito do sonho vai além das circunstâncias do rei babilônico. Ele revela o reino vindouro de Deus, que irrompe na história, destrói todos os reinos humanos e enche a terra para sempre. No sonho do Faraó, Deus abriu um caminho para a salvação dos israelitas

---

assimilação representado por José nem a rejeição praticada pelos Macabeus." Ver Rindge, "Jewish Identity," 103.

[33] Isso não quer dizer que o Deus de José fosse de algum modo inferior ao Deus de Daniel. Antes, ao trazer à mente a narrativa de José, a narrativa de Daniel pretende retratar Deus de maneira mais grandiosa com respeito à sua soberania e aos seus propósitos redentivos.

famintos e para as nações ao redor do Egito. No segundo, ele revela o seu reino vindouro, eterno, um evento que o NT diz ser inaugurado por Jesus, apresentado como o salvador do mundo.

Ambos os relatos revelam um Deus soberano, mas comparar o quê e o porquê da revelação de Deus aos reis gentios sugere que o relato de Daniel pretende mostrar um Deus maior — isto é, ele amplia o alcance tanto da sua soberania quanto da sua salvação.[34]

3.3. Um Paradigma para a Obra de Deus Entre as Nações

Os relatos de José diante do Faraó e de Daniel diante de Nabucodonosor enquadram a história do AT da vida de Israel na terra da promessa. A interpretação de José do sonho do Faraó é o evento desencadeador para levar os israelitas ao Egito, onde desfrutarão de favor real e eventualmente sofrerão sob opressão real. A interpretação de Daniel do sonho de Nabucodonosor ocorre no início do período exílico, quando o povo de Deus perdeu a terra da promessa para o invasor estrangeiro. De cada lado da presença sustentada de Israel na terra, o cânon oferece relatos com temas semelhantes nos quais Deus envia uma mensagem a reis gentios e seus servos encontram esses reis especificamente por causa dessas revelações. Em seu contexto canônico, esse par de relatos fornece um paradigma para a interação de Deus com "as nações", onde a maioria dos leitores da Bíblia desde a queda de Jerusalém em 587 a.C. tem vivido.

Na seção anterior, consideramos a significância das mensagens específicas que Deus enviou ao Faraó e a Nabucodonosor. Aqui, consideramos a significância do fato de que Deus falou a eles em absoluto nesses pontos da história quando Israel não tinha posse da terra prometida. Sugiro três pontos de significância.

Primeiro, ao falar aos reis gentios cuja influência mais afetou os israelitas (isto é, Faraó durante o período patriarcal e Nabucodonosor durante o período neobabilônico), Deus enviou uma mensagem clara a todos os envolvidos de que ele era o Deus das nações, não apenas de Israel. Nem Faraó nem Nabucodonosor haviam encontrado um Deus como este. Suas mensagens escaparam a eles e a seus especialistas, e o cumprimento dos sonhos excedeu qualquer poder que eles ou seus deuses pudessem ter reivindicado. O Deus de Israel também era o Deus sobre o Egito e a Babilônia, quer reconhecessem ou não a sua soberania.

Segundo, embora as próprias mensagens fossem inescrutáveis para os reis gentios, Deus falou em uma linguagem que eles compreendiam — a saber, sonhos. A maioria dos sonhos revelatórios que os reis recebiam fornecia informação clara sobre eventos futuros. Um exemplo bíblico de tal "sonho de mensagem" está em 1 Sm 3, onde Deus chama três vezes o jovem Samuel adormecido para que pudesse dizer ao menino que ele estava prestes a julgar a família de Eli. Sonhos

[34] Não estou sugerindo que o próprio sonho de Nabucodonosor inclua uma mensagem de salvação – seja implícita ou explícita. É somente quando considerado à luz do NT e da obra de Cristo ali registrada que alguém poderia dizer, primeiro, como a rocha de Dn 2 vem para encher a terra e governar para sempre e, segundo, como o Filho do Homem realizou salvação para a raça humana.

simbólicos eram mais propensos a necessitar de um intérprete, embora os significados de sonhos simbólicos também pudessem ser óbvios (por exemplo, os sonhos de José de feixes e estrelas se curvando em Gn 37). Em seu comentário sobre Daniel, Longman sugere que Deus falou a Nabucodonosor em sonhos porque era em sonhos "que a religião babilônica e a fé de Daniel [chegavam] mais perto uma da outra", em vez de falar com ele por meio de algo como o nascimento de um boi de múltiplas cabeças. O mesmo poderia ser dito da revelação de Deus ao Faraó.[35]

Um terceiro ponto de significância acerca da revelação de Deus aos reis gentios é que ele não enviou as mensagens enigmáticas até que também tivesse colocado um de seus servos em posição de interpretar a mensagem. E mesmo então, ambos os textos são claros ao afirmar que a capacidade de explicar os sonhos vinha de Deus. José e Daniel só foram capazes de interpretar os sonhos porque, na linguagem dos reis gentios, "o espírito dos deuses santos" estava neles (Gn 41:38; cf. Dn 2:11; 4:8, 18). O acesso deles à sabedoria de Deus vinha do próprio Deus, e a sabedoria de Deus foi tornada disponível aos reis gentios por meio deles.

Os relatos de José diante do Faraó em Gênesis 41 e de Daniel diante de Nabucodonosor em Daniel 2 revelam um Deus que se dá ao trabalho de comunicar-se com reis gentios. Em seus respectivos contextos, cada um mostra a soberania de Deus e o estabelecimento do seu homem na corte estrangeira. Por meio de seus servos humildes, Deus colocou os poderosos reis gentios em alerta de que dependiam dele para suas vidas e para seus reinos. Embora Deus não parecesse ter um reino terreno naquele tempo, ele demonstrou sua superioridade sobre os reis (que consideraram os sonhos inescrutáveis), sobre todos os outros deuses (cujos adivinhos ficaram impedidos), e sobre o futuro. Esse Yahweh pode não ter parecido grande coisa durante o auge do Egito ou da Babilônia, mas, de fato, ele era Senhor de toda a terra.

Considerados em conjunto no contexto da situação histórica e geográfica de Israel, o par de relatos cria um paradigma para a obra de Deus entre as nações. Deus alcançou reis estrangeiros por meio do meio obscuro de sonhos revelatórios a fim de tornar-se conhecido. Sabendo que o conhecimento coletivo dos melhores intérpretes dos impérios se mostraria inadequado, ele já havia posicionado seus servos fiéis – com acesso ao "espírito dos deuses santos" – para interpretar e explicar os sonhos.

---

[35] Tremper Longman III, *Daniel* (NIVAC; Grand Rapids: Zondervan, 1999), 77. Tal afinidade entre as religiões gentílicas e a religião de Israel provavelmente também tornou os relatos mais palatáveis a uma audiência judaica, bem versada na visão de Deus acerca das artes divinatórias. Karel van der Toorn considera incomum que um cortesão real fosse proficiente na interpretação de sonhos, e aqui os relatos de Daniel "parecem divergir dos costumes nas cortes assírias e babilônicas. Embora uma oração neo-assíria ao deus-sol fale do oniromante (šā'ilu) explicando um sonho ao rei, não há menção de oniromantes entre os sábios da corte, nem qualquer de suas cartas trata da interpretação de sonhos reais. Não está além do âmbito do possível que a interpretação de sonhos pertencesse à perícia do *bārû* ou do — pelo menos originalmente egípcio — *ḫarṭibu*, mas, mesmo que este fosse o caso, sonhos difíceis desempenham um papel menor ou inexistente em sua correspondência." Ver Karel van der Toorn, "Scholars at the Oriental Court: The Figure of Daniel against Its Mesopotamian Background," em *The Book of Daniel: Composition and Reception* (ed. John J. Collins e Peter W. Flint; Leiden/Boston: Brill, 2001), 41–42.

BIBLIOGRAFIA

Collins, John J. *Daniel*. Hermeneia: Um Comentário Crítico e Histórico sobre a Bíblia. Minneapolis: Augsburg, 1993.

Gnuse, Robert. "O Intérprete Judeu de Sonhos em uma Corte Estrangeira: O Uso Recorrente de um Tema na Literatura Judaica." *Journal for the Study of the Pseudepigrapha* 17 (1990): 29–53.

———. "Da Prisão ao Prestígio: O Herói que Ajuda um Rei na Literatura Judaica e Grega." *Catholic Biblical Quarterly* 72 (2010): 31–45.

Goldingay, John E. *Daniel*. Word Biblical Commentary 30. Dallas: Word, 1989.

Humphreys, W. Lee. "Estilo de Vida para a Diáspora: Um Estudo dos Contos de Ester e Daniel." *Journal of Biblical Literature* 92 (1973): 211–23.

Labonté, G. G. "Gênese 41 e Daniel 2: questão de origem." Páginas 271–84 em *The Book of Daniel in the Light of New Findings*. Editado por Adam S. van der Woude. Bibliotheca ephemeridum theologicarum lovaniensium 106. Leuven: Leuven University Press, 1993.

Longman, Tremper III. *Daniel*. Comentário de Aplicação da Nova Versão Internacional. Grand Rapids: Zondervan, 1999.

Lucas, Ernest C. *Daniel*. Comentário do Antigo Testamento Apollos 20. Downers Grove: InterVarsity Press, 2002.

Niditch, Susan e Robert Doran. "A História de Sucesso do Cortesão Sábio: Uma Abordagem Formal." *Journal of Biblical Literature* 96 (1977): 179–93.

Pace, Sharon. *Daniel*. Comentário Bíblico Smyth & Helwys 17. Macon: Smyth & Helwys, 2008.

Patterson, Richard D. "Mantendo-se nas Narrativas de Corte de Daniel." *Journal of the Evangelical Theological Society* 36 (1993): 445–54.

Rindge, Matthew S. "Identidade Judaica sob Domínio Estrangeiro: Daniel 2 como uma Reconfiguração de Gênesis 41." *Journal of Biblical Literature* 129 (2010): 85–104.

Sternberg, Meir. *A Poética da Narrativa Bíblica: Literatura Ideológica e o Drama da Leitura*. Bloomington: Indiana University Press, 1985.

Van der Toorn, Karel. “Eruditos na Corte Oriental: A Figura de Daniel contra seu Contexto Mesopotâmico.” Páginas 37–53 em *The Book of Daniel: Composition and Reception*. Editado por John J. Collins e Peter W. Flint. Leiden/Boston: Brill, 2001.

Wenham, Gordon J. *Gênesis 16–50*. Word Biblical Commentary 2. Waco: Word Books, 1994.

Wills, Lawrence M. *O Judeu na Corte de um Rei Estrangeiro: Lendas Judaicas Antigas de Corte*. Harvard Dissertations in Religion 26. Minneapolis: Fortress, 1990.

Wendy L. Widder, Pesquisadora Associada no Departamento de Hebraico, University of the Free State, Bloemfontein, África do Sul. Logos Bible Software, 4232 Wintergreen Cir. #260, Bellingham, WA 98226 USA, Email: wenwidder@gmail.com.